

ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DE COOPERATIVAS DE CAFEICULTORES PARA A SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA DOS EMPREENDIMENTOS PRODUTIVOS: Um Estudo Multicaso.

Lucimara Gonçalves de Rezende¹⁰
Sidinei Aparecido Pereira¹¹
José Moreira da Silva Neto¹²

RESUMO: O estudo analisa a atuação das cooperativas de cafeicultores na prestação de serviços relacionados ao apoio técnico, logístico, creditício e de capacitação aos cooperados visando à melhoria da qualidade e a sustentabilidade econômica dos empreendimentos produtivos. A pesquisa foi realizada em Rondônia e levou em conta a importância da atividade econômica para o Estado, pois envolve mais de 40.000 famílias de pequenos produtores. O referencial teórico traz uma perspectiva do mercado cafeeiro mundial, nacional e regional, bem como sobre gestão cooperativista e a importância do cooperativismo no agronegócio brasileiro. O método de investigação pautou-se pela abordagem qualitativa para análise e interpretação dos dados coletados e como procedimento metodológico, utilizou-se o estudo de casos múltiplos - que permite o levantamento quantitativo e a descrição qualitativa de elementos que corroboram a resposta ao problema levantado. Para coleta de dados empregou-se questionário estruturado em forma de questões fechadas, dividido em seis categorias de variáveis. A pesquisa envolveu todas as cooperativas de cafeicultores ativas no Estado, representando 100% do universo da investigação. Verificou-se que a maioria delas encontra-se em processo de adequação e estruturação, em razão da migração do modelo associativista para o cooperativista. Os resultados da pesquisa revelaram que essas organizações desempenham um nível de média baixa contribuição para a sustentabilidade econômica dos empreendimentos produtivos cafeeiros no ambiente pesquisado.

Palavras-Chave: Competitividade. Cooperativismo. Qualidade. Sustentabilidade Econômica.

¹⁰ Graduada em Administração de Empresas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, com especializações em Gestão Econômica e Financeira (AVEC), Controladoria Institucional e Ambiental (UNIR), Metodologia do Ensino Superior (UNIRON), Desenvolvimento Local (OIT/ONU) e Mestre em Administração (UNIR). Docente da Faculdade Interamericana de Porto Velho (UNIRON), nos departamentos de Administração, Contabilidade, Propaganda e Publicidade, Tecnólogo do Ensino Superior nos cursos de Gestão de Negócios, Gerenciamento de Recursos Humanos e Gerenciamento Ambiental. Endereço: Rua Colômbia, 4231, Embratel, Porto Velho, RO-Brasil; e-mail: lucimaragr@gmail.com

¹¹ Graduado em Ciências Econômicas e Ciências Contábeis, Mestrado e Doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. No ensino de graduação atua nos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Na Pós-Graduação é Coordenador do Curso de Especialização em Controladoria Institucional e Ambiental e também é docente do Programa de Mestrado em Administração – PPGMAD. Endereço: UNIR, Núcleo de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Contábeis, Rodovia BR 364 – km 9,5, CEP 78900-000 – Porto Velho, RO – Brasil; e-mail: sidinei@unir.br

¹² Graduado em Ciências Contábeis pela Faculdade de Administração e Ciências Contábeis Campos Salles, especialização em Contabilidade: análise e controladoria pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, especialização em Contabilidade e Controladoria pela Universidade de São Paulo, Mestrado em Ciências contábeis e Controladoria pela Universidade de São Paulo e Doutorado em engenharia de produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do curso de ciências contábeis e coordenador/ professor do programa de mestrado em administração da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Endereço: UNIR, Núcleo de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Contábeis, Rodovia BR 364 – km 9,5, CEP 78900-000 – Porto Velho, RO – Brasil e-mail: msilva@unir.br.

ABSTRACT: The study examines work cooperatives hand to provide services related to technical support, logistics, credit and training to cooperated with a view to improving the quality and sustainability of productive economic ventures. The search was performed in Rondônia and take into account the importance of economic activity for the State, as it involves more than 40.000 families of small producers. The frame has a theoretical perspective of world coffee market, national and regional and cooperatives management and the importance of cooperation in the agribusiness. The method of research was marked by qualitative approach to analysis and interpretation of the data collected and as methodology, was the case studies that allows multiple - lifting quantitative and qualitative evidence to corroborate the response to the problem raised. For data collection used is structured questionnaire shaped closed issues, divided into six categories of variables. The search involved all cooperative hand in the active state, representing 100% of the universe of research. It was found that most of them is in the process of adequacy and structuring of migration model associatives to cooperatives. The search results showed that these organizations play a level of average low contribution to economic sustainability business productive coffees on the environment.

Key-Words: Competitiveness. Cooperatives. Quality. Economic sustainability.

1. INTRODUÇÃO

A conjuntura internacional que até pouco tempo era considerada ideal e promissora se mostra incerta frente a grave crise financeira que se instaurou nos mercados globais, causando redução no crédito e grande temor na aplicação de novos investimentos, exigindo posturas ainda mais rígidas nos controles gerenciais e na exploração de novas oportunidades mercadológicas.

O cenário mundial para o agronegócio café que se mostrava favorável, com vários indicadores de aumento de consumo interno e externo, deve ser revisto frente à nova realidade que se apresenta nos mercados globais, uma vez que a maioria dos especialistas do setor apontam que é difícil mensurar o quanto a crise financeira atual irá afetar o consumo de café.

O café brasileiro, independente dos rumos do mercado, sofre acirrada concorrência global, seja através da oferta de produtos de alta qualidade, a exemplo do café colombiano, seja através de produtos de baixo custo e qualidade, oriundos do Vietnã e Indonésia. Assim, mudanças significativas devem ser adotadas visando à melhoria da qualidade e a ampliação da exploração de mercados diferenciados, que oferecem vantagens tais como melhor precificação e distanciamento da volatilidade do mercado de *commodities*, tornando, pois, o café brasileiro mais competitivo.

O investimento em novas formas de produção, criando novos produtos e serviços, é apontado por Zylbersztajn et al. (1993), como fator que favorece a competitividade, uma vez que possibilita a exploração de novos mercados de forma mais vigorosa do que a própria concorrência de preços, constituindo-se no motor do

crescimento e do desenvolvimento econômico, tão necessários a cafeicultura brasileira.

O Brasil é o país que mais planta café no mundo, produto que exporta há mais de 300 anos. No entanto, durante décadas utilizou como estratégia de competitividade a quantidade produzida, em detrimento da qualidade, resultado da política do extinto Instituto Brasileiro de Café (IBC), o que inviabilizou a exploração de mercados mais refinados (SAES, 1997, p. 51).

Para melhorar a competitividade brasileira no agronegócio café, corrigindo as lacunas deixadas pelo passado, visando galgar posições mais favoráveis no processo de participação no mercado de café, Zylbersztajn et al. (1993) sugere a adoção de procedimentos gerenciais adequados, associados às estratégias de coordenação das atividades dos diversos elementos que compõem a cadeia produtiva do segmento, constituída por produtores de insumos, máquinas e equipamentos, produtor rural, maquinista, corretor, cooperativa, indústria de torrefação e moagem, indústria de café solúvel, exportadores, atacadistas e varejistas, que devem estar integrados em prol da melhoria da qualidade do produto, uma vez que a qualidade final do café é o resultado do esforço conjunto de toda a cadeia.

Essa perspectiva é contemplada no Plano Estratégico para o Desenvolvimento da Economia Cafeeira (PEDEC), que congrega as principais instituições ligadas ao agronegócio do café - Conselho Nacional do Café (CNC), Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC), Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (ABICS), Conselho dos Exportadores do Café (CECAFÉ) e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) – que unidas pensam o produto nos próximos anos (ABIC, 2008).

No entanto não basta apenas a integração das instituições ligadas a produção cafeeira, mas também a integração dos produtores de café. A cafeicultura brasileira de uma forma geral é formada principalmente por pequenos produtores. Para que esses cafeicultores possam ter capacidade de articulação e de participação em um mercado cada vez mais consolidado, que compromete a sobrevivência de pequenos segmentos produtivos, com baixa qualidade e produtividade, se faz necessária a organização de seus interesses através de uma representação comercial que possa lhes oferecer a estrutura adequada para a comercialização integrada da produção, assim, o cooperativismo surge como opção para a sustentabilidade dos empreendimentos produtivos frente às novas demandas mercadológicas.

Hemerly (2000) acrescenta que para o pequeno produtor rural, as cooperativas representam uma grande oportunidade, contribuindo para o aumento de seu nível de renda, apresentando-se como uma alternativa de associação

altamente interessante, uma vez que auxiliam a produção e a melhor gestão, através da educação, conscientização e capacitação dos mesmos, favorecendo a redução de custos internos, aumentando a produtividade, melhorando a imagem do café e o acesso a novos mercados.

As oportunidades e as ameaças advindas do ambiente internacional, ainda são marcadas por indefinições e incertezas. Entretanto, alguns fatores terão importância estratégica para o futuro do segmento: o investimento em tecnologias de melhoria da qualidade e o fortalecimento da relação cooperativista junto aos pequenos produtores.

Atualmente, as cooperativas de cafeicultores atuam em dois segmentos no mercado. Um representado pelo subsistema de café *commodity*, predominante nas transações realizadas pela maioria das empresas do agronegócio café. O outro, é um subsistema, que difere do primeiro basicamente em relação aos atributos de qualidade presentes no produto, que transforma o café numa especialidade.

Quando se trata de competitividade no segmento *commodity*, as transações do produto são reguladas basicamente pelo mercado, onde compradores e produtores/vendedores encontram as informações necessárias para as transações. Nesse mercado predomina a homogeneidade do produto, e as transações são influenciadas pelas forças de mercado, onde os produtores se colocam como tomadores de preços. Sendo assim, a competitividade é estabelecida pelo controle nos custos de produção, e será competitivo aquele agente que conseguir produzir com menor custo.

Por outro lado, o mercado do café *commodity* é fortemente influenciado por conjunturas não oriundas das forças tradicionais de mercado, como volume de produção e custos, e por especulações e informações manipuladas para atender interesses outros, que podem influenciar diretamente o valor pago ao produto (XIMENES, 2008).

Outro aspecto desse mercado é que a oferta é feita por um grande número de vendedores a um pequeno número de compradores, caracterizando assim uma estrutura de mercado oligopsônica.

A cafeicultura rondoniense, objeto de estudo deste artigo, em sua grande parte está orientada para o mercado de *commodities*, sujeita as suas variações, o que exige maior capacidade para reduzir custos e aumentar a produtividade, essenciais aos que nele atuam.

No entanto, a cafeicultura em Rondônia, segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária de Rondônia (EMBRAPA-RO), é caracterizada por:

- Baixo nível tecnológico e de uso de insumos;
- Má qualidade do produto, o que acarreta baixa produtividade;
- Dificuldades de comercialização;

- Custos de produção relativamente elevados;
- Não uso sustentável da terra.

Considerando os aspectos apontados pela EMBRAPA-RO, agravados pelos preços praticados no Estado, que têm sido insuficientes para fazer frente aos custos de produção e comercialização, a sustentabilidade dos empreendimentos produtivos tem sido ameaçada, o que tem levado ao abandono do cultivo de café por diversos pequenos produtores.

A problemática estudada se firma no questionamento: são as cooperativas de café rondonienses capazes de prestar apoio aos cooperados de forma a contribuir para a sustentabilidade econômica dos empreendimentos?

Assim, esse artigo tem como objetivo analisar a contribuição prestada pelas cooperativas de cafeicultores de Rondônia visando à sustentabilidade econômica dos empreendimentos produtivos, uma vez que a produção de café no Estado envolve mais de 40.000 famílias de pequenos produtores, e a união desses cafeicultores através do cooperativismo poderá alavancar vantagens estratégicas, que vão da redução de custos de produção, melhor precificação de seus produtos e exploração de nichos de mercado.

Diferenciar a produção, criando um referencial regional ao produto, deve ser uma estratégia a ser apreciada e considerada pelos produtores e cooperativas de café rondonienses e apoiada pelas instituições governamentais locais, uma vez que dia após dia, a sustentabilidade econômica da cafeicultura rondoniense se vê comprometida, em função das exigências crescentes por qualidade e produtividade.

Assim, repensar a gestão das cooperativas, seu posicionamento e a relação com o cooperado, deve ser o objetivo maior dos dirigentes, considerando a relevância social e econômica que essas organizações representam para milhares de pequenos produtores no Estado de Rondônia.

2. EVOLUÇÃO DA CAFEICULTURA EM RONDÔNIA

A exploração da cultura do café na região Norte iniciou-se em meados de 1960. No entanto, sua expansão se deu a partir da década de 70, quando da grande migração de famílias oriundas de outros Estados da União.

Segundo Binsztok (2007, p. 4), os migrantes responsáveis pelo cultivo do café no Estado são provenientes de municípios do norte capixaba como: São Gabriel da Palha, Linhares, Colatina, Vila Pavão, Nova Venécia, Afonso Cláudio e Barra de São Francisco e também de paranaenses provenientes de municípios como Cruzeiro do Oeste, Céu Azul, Vera Cruz e Toledo, que foram atingidos pelas medidas do "Programa de Erradicação dos Cafezais" (1962-1967), executadas pelo Instituto Brasileiro do Café, através do Grupo Executivo de Recuperação Econômica

da Cafeicultura (IBC/GERCA) que recomendava a erradicação de cafezais de baixa qualidade, considerados improdutivos e apontados como responsáveis pela baixa produtividade do produto no país.

Ao chegar em Rondônia, os migrantes trouxeram consigo sementes e mudas de café da espécie Arábica (*Coffea arábica L.*). Essa espécie de café exige condições adequadas ao seu cultivo, tais como: altitude mais elevada, temperatura amena e solos férteis, condições essas difíceis de serem encontradas na geografia local. Seguindo então, orientação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) que inicia suas atividades de pesquisa em café no Estado concomitante ao início da expansão da cultura na região, nos idos de 1976, os produtores deram início ao plantio da espécie de café Robusta (*Coffea canephora* Pierre ex A. Froehner), sobretudo a variedade Conilon, por ser a mais adequada às condições regionais (EMBRAPA-RO, 2006).

Com o desenvolvimento da cultura, a partir da década de 80, a cafeicultura passa a ocupar importante papel econômico para a região Norte. A área cultivada na Amazônia, que em 1975 era pouco mais de 2.000 ha., sofre forte expansão, sobretudo em Rondônia, região que mais evoluiu, chegando em 2001, a apresentar a maior área produtiva da região Norte, 222.926 ha (SEAPES, 2008).

É nesta época que segundo Souza e Bialoskorski Neto (2006, p. 3-4), são fundadas as primeiras cooperativas de café no Estado, em um total de quatro, e depois, na década de 90 mais três novas cooperativas surgiram.

Porém, nos idos de 1990, (tabela 1), percebe-se uma redução significativa na área produtiva de café em Rondônia, que só volta a expandir-se ao final dessa década. Tal oscilação se deu em função dos preços baixos que marcaram o período, tornando a cultura economicamente pouco viável, acrescida ainda, pela exaustão de cafezais antigos e das mudanças no regime de chuvas na região da Amazônia subequatorial, o que levou a substituição da cultura em algumas regiões pela pecuária (VENEZIANO *apud* COSTA, 2000, p. 41).

Tabela 1 Evolução anual de área, produção e produtividade média obtida em Rondônia na cultura do café.

Ano	Área Colhida (há)	Produção obtida (t)	Produtividade média obtida	
			(kg/há)	(Sc 60kg/ha)
1992	122.129	137.227	1.124	18,7
1993	129.167	149.932	1.161	19,3
1994	134.829	163.552	1.213	20,2
1995	137.739	171.233	1.243	20,7
1996	110.657	105.218	951	15,8
1997	108.046	96.107	890	14,8
1998	108.046	96.107	890	14,8
1999	177.188	189.203	1.068	17,8
2000	198.946	207.297	1.042	17,4
2001	222.926	255.701	1.147	19,1
2002	140.967	93.624	664	11,1
2003	188.479	135.586	719	12,0
2004	171.168	101.676	594	9,9
2005	167.738	105.638	630	10,5
2006	163.322	74.558	457	7,60
2007	159.819	88.639	556	9,25

Fonte: SEAPES (2008).

Após esse período de retração, a cultura passa a ser novamente estimulada através de iniciativas do poder público e pela adesão de centenas de produtores tradicionais aos programas de aplicação de alta tecnologia e manejo de qualidade, dando início a um novo ciclo de crescimento da cafeicultura rondoniense.

2.1 Características da Produção Cafeeira em Rondônia

O café produzido em Rondônia é da espécie robusta, sendo a cultivar conillon a mais utilizada, ocupando 90% da área destinada ao seu cultivo. Sua cultura envolve mais de 40.000 famílias de pequenos produtores, em propriedades que vão de 10 hectares a 50 hectares em média, apresentando baixo nível tecnológico e baixa produtividade (EMBRAPA-RO, 2007).

Para a agricultura familiar, o desafio está na sustentabilidade econômica da lavoura, a qual se vê comprometida em função da baixa qualidade do produto influenciada entre outros, pela escassez de recursos, baixo nível tecnológico, e as características mercadológicas do café em Rondônia, onde há pouca valorização para os produtos de melhor qualidade, não estimulando os cafeicultores ao uso de técnicas de manejo adequadas, uma vez que o preço pago ao café de qualidade e ao de baixa qualidade, não difere significativamente (EMATER, 2007).

Os pequenos produtores, segundo Matiello (1998, p. 98), vendem sua produção num curto período após a colheita diretamente a maquinistas, pequenas firmas e representantes exportadores. A venda realizada desta forma nem sempre é favorável ao esse produtor, uma vez que os preços pagos muitas vezes são inferiores ao preço de mercado.

Outro agravante a manutenção do parque cafeeiro regional está na baixa produtividade por hectare, comparada com as demais regiões produtoras do país (tabela 2). Representada por 1.482 milhões de sacas, em uma área de 153.281 milhões de hectares, o Estado possui a média de 9,67 (sacas/ha), muito inferior à produção do Espírito Santo, de 20,33 (sacas/ha), maior produtor nacional do café tipo robusta.

Tabela 2 Café Beneficiado - Safra 2007/2008 - Produção Final.

UF/ REGIÃO	PRODUÇÃO (Mil sacas beneficiadas)					
	EM PRODUÇÃO		Arábica	Robusta	TOTAL	PRODUTIVIDADE (Sacas /ha)
	ÁREA (ha)	CAFÉ- EIROS (Mil covas)				
Minas Gerais	1.016.414	1.016.414	1 5.450	3 6	15.486	15,24
Espírito Santo	471.411	1.067.814	2 .016	7 .567	9.583	20,33
São Paulo	168.700	418.215	2.632	-	2.632	15,60
Paraná	97.400	329.200	1.622	-	1.622	16,65
Bahia	94.990	237.000	1.315	5 17	1.832	19,29
Rondônia	153.281	273.147	-	1.482	1 .482	9,67
Mato Grosso	16.227	38.945	1	1 41	152	9,37
Pará	15.137	36.329	-	2 66	266	17,57
Rio de Janeiro	14.048	26.540	2 69	1	280	19,93
Outros	25.484	61.161	1 62	2 43	405	15,89
BRASIL	2.073.092	5.615.248	23.477	10.263	33.740	16,28

Organizado pela autora

Fonte: CONAB (2008)

Outro fator restritivo ao segmento local é o custo de produção, que segundo dados da CONAB para a safra de 2008/2009, está na ordem de R\$ 168,09 por 15 sacas/ha. Sendo que o Espírito Santo, para o mesmo período, o custo está na ordem de R\$ 137,80, por 52 sacas/ha (CONAB, 2008).

3. COOPERATIVISMO

O cooperativismo brasileiro é uma das forças da economia no país, gerando 6% do Produto Interno Bruto (PIB), 218.415 empregos diretos e US\$ 3,30 bilhões de exportações, que envolve uma complexa rede de 7.672 cooperativas, com mais de sete milhões de associados, registradas na Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), juntamente às suas 27 organizações estaduais (MAPA, 2008)

O sistema cooperativista é composto por 13 ramos (Tabela 5). O ramo mais forte em termos de faturamento é o agropecuário. Em número de cooperativas é o de trabalho e, em número de cooperados, é o ramo de consumo (OCB, 2008).

Tabela 5 Cooperativismo por ramo de atividade (2007).

	Cooperativas	Associados	Empregados
Agropecuário	1.544	879.649	139.608
Consumo	141	2.468.293	8.984
Crédito	1.148	2.851.426	37.266
Educacional	337	62.152	2.913
Especial	12	385	13
Habitacional	381	98.599	1.258
Infraestrutura	147	627.523	5.867
Mineral	40	17.402	77
Produção	208	11.553	1.427
Saúde	919	245.820	41.464
Trabalho	1.826	335.286	6.682
Transporte	945	88.386	5.363
Turismo e Lazer	24	1.094	39
Total	7.672	7.687.568	250.961

Fonte: OCB (2008).

No ramo agropecuário segundo dados da OCB (2008) são contabilizadas 1,54 mil cooperativas e 879,65 mil associados, gerando 139,61 mil empregos diretos. Ressalta-se que a participação dessas cooperativas no PIB Agropecuário é de 37,00%. Os números das cooperativas, associados e empregados, segundo último senso realizado pela OCB, considerando os ramos de atuação, estão dispostos na tabela 5.

O cooperativismo agropecuário tem passado por uma reformulação em seu modelo de gestão para se tornar mais competitivo em um mercado cada vez mais exigente. A gestão eficiente de capital, a criação de novos negócios, a exploração de mercados diferenciados, tem se mostrado essencial para garantir a sustentabilidade dessas organizações (OLIVEIRA, 2007, p.3-4).

O ramo agropecuário no Brasil é composto por cooperativas de produtores rurais ou agropastoris e de pesca, cujos meios de produção pertençam ao cooperado. Essas cooperativas geralmente cuidam de toda a cadeia produtiva, desde o preparo da terra até a industrialização e comercialização dos produtos.

Segundo, dados de dezembro de 2007 da OCB (2008), a importância do ramo agropecuário no Brasil é representado pela força expressiva de seus números:

- Número de cooperativas em atividade: 1.544
- Número total de agricultores associados: 879.649
- Número de empregos diretos nas cooperativas: 139.608
- Participação no PIB Agropecuário: 38,4%
- Participação no PIB Cooperativo: 47,5%
- Participação no PIB Cooperativo: 47,5%
- Exportações Diretas (2007): USD 3,3 bilhões

Essas cooperativas caracterizam-se por apresentar uma estrutura “mista”, modelo de cooperativa mais difundido no mundo. Essa denominação é dada pelos serviços que presta: crédito, compra de insumo, beneficiamento e comercialização da produção, consumo doméstico, utilização de equipamentos. Para Rios (1987), essas cooperativas têm como objetivo melhorar as condições do empreendimento agrícola e aumentar a renda de seus membros pela utilização comum de certos meios e serviços.

3.1 Cooperativas de Café

Segundo a OCB (2008), são 74 cooperativas envolvidas no Brasil no agronegócio café, e dessas, em torno de 40, têm o café como produto preponderante. Essas cooperativas estão localizadas em oito estados brasileiros, a saber: Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Rondônia e São Paulo. São mais de 100 mil cooperados, assim estratificados:

Tabela 6 Estratificação das cooperativas de café no Brasil

Intervalo	Número de Associados
Até 100 sacas	37,88%
De 101 a 200 sacas	20,63%
De 201 a 500 sacas	21,05%
De 501 a 1.000 sacas	13,79%
Mais de 1.000 sacas	6,66%

Fonte: OCB (2008)

Através da análise de produção comparada ao número de associados (tabela 6), é possível auferir que a cultura cafeeira brasileira se caracteriza em uma

atividade de pequenos produtores, que segundo a ABIC (2008), apresenta distribuição "perversa" pois, 4,89% dos produtores representam 42,56% do volume total produzido.

Aproximadamente 30% da produção brasileira de café está organizada junto as cooperativas, o que representa, segundo a OCB (2008), em média, 10 milhões de café, por ano, gerando em torno de 8,4 milhões de empregos, podendo-se afirmar que 2,5 milhões aproximadamente, estão ligados às atividades das cooperativas.

As cooperativas de café cumprem assim, um importante papel social, uma vez que os associados têm nas cooperativas o sustentáculo de suas atividades e, acrescenta ainda a OCB, que "nas localidades onde ocorre a presença de cooperativas, é observado equilíbrio de preços, nos insumos e nos produtos agropecuários" fatores esses essenciais para o melhor retorno financeiro ao produtor.

4. METODOLOGIA

A escolha adequada do método de pesquisa a ser empregado para que o objetivo pudesse ser atendido, foi o primeiro fator a ser considerado, uma vez que segundo Siena (2007:13), "o método é o caminho; a forma; o modo de pensamento. Forma de abordagem em nível de abstração dos fenômenos. É o conjunto de processos ou operações mentais empregados na pesquisa".

Assim, a partir da contribuição de Siena, na fase inicial procurou-se reunir a maior quantidade de informações acerca do assunto estudado, através da pesquisa bibliográfica e documental, fundamentada em obras que oferecessem sustentabilidade a investigação e norteasse na escolha do método adequado.

Considerando o objetivo do estudo que é analisar a contribuição prestada pelas cooperativas de café com vistas à melhoria da gestão dos empreendimentos, objetivando a sua sustentabilidade econômica, optou-se pelo estudo de casos múltiplos, que Gil (2008, p. 137), fazendo uso da literatura pertinente sobre o assunto, observa que para se auferir o resultado almejado no uso desta ferramenta metodológica, deve ser observado um conjunto de etapas, que são:

- formulação do problema;
- definição da unidade-caso;
- determinação do número de casos;
- elaboração do protocolo;
- coleta de dados;
- avaliação e análise dos dados; e

- preparação do relatório.

Com isso, foram definidas as unidades de caso considerando os requisitos necessários a resposta do problema, optando em analisar as cooperativas cafezeiras ativas, localizadas nas principais regiões cafezeiras do Estado, uma vez que Yin (1998, p. 58) argumenta que “em se tratando de estudos de caso, o estabelecimento da unidade de análise corresponde à definição do caso”.

Optou-se pela aplicação da abordagem qualitativa, apoiada pelo método quantitativo, que segundo Richardson *apud* Oliveira (2006, p. 83), “é freqüentemente aplicado nos estudos descritivos, naqueles que procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis bem como nos que investigam a relação de causalidade entre fenômenos”, o que possibilitou identificar a contribuição das cooperativas cafezeiras rondonienses junto aos cooperados.

Aplicou-se o estudo em 100% das cooperativas de café ativas do Estado de Rondônia, que somam seis cooperativas, identificadas como: C.1, C.2, C.3, C.4, C.5 e C.6, localizadas nas regiões dos municípios de São Miguel do Guaporé, Cacoal, Ji-Paraná, Alvorada D’Oeste, Tarilândia e Ministro Andreaza, respectivamente.

Objetivando avaliar a contribuição das cooperativas na sustentabilidade dos empreendimentos, adotou-se como instrumento de pesquisa um questionário composto de seis partes, estruturado conforme classificação apresentada na Ilustração 3:

Classificação das Variáveis da Pesquisa	
1ª Parte: Perfil das cooperativas	As cinco primeiras questões dizem respeito à caracterização do perfil das cooperativas : tempo de fundação; número de cooperados ativos e inativos; grau de escolaridade dos dirigentes; volume de café negociado e principais compradores (questões de 1 a 5).
2ª Parte: Aspectos investigados	Grupo I - Serviços técnicos : aspectos relativos aos serviços especializados oferecidos aos cooperados (questões de 6 a 9).
	Grupo II - Estrutura e logística : aspectos relacionados ao apoio prestado aos cooperados em suas atividades produtivas (questões de 10 a 13).
	Grupo III - Relação financeira : aspectos relativos às atividades de apoio financeiro ao cooperado (questões de 14 a 19).
	Grupo IV - Informações de mercado : aspectos mercadológicos para apoio ao cooperado (questões de 20 a 23).
	Grupo VI - Gestão : aspectos estruturais e administrativos das cooperativas para apoio ao cooperado (questões de 24 a 32).

Ilustração 3 Quadro da estrutura do instrumento de coleta de dados.

As variáveis foram formuladas considerando a análise da contribuição das cooperativas de café de Rondônia, no que tange a oferta de serviços aos

cooperados que contribuam para a sustentabilidade econômica dos empreendimentos produtivos.

Os aspectos considerados são consubstanciados pelo entendimento de Souza e Bialoskorski Neto (2008, p. 1) ao argumentarem que:

“As cooperativas são organizações que conciliam benefícios sociais e eficiência econômica por meio do trabalho associado e ajuda mútua. Têm importante destaque no *agribusiness* e na coordenação dos sistemas agroindustriais porque atuam de forma a gerar e distribuir resultados que muitas vezes não são possíveis em organizações com fins lucrativos. Esses benefícios são traduzidos em melhores preços pagos aos agricultores, melhores condições de compra de insumos ou mesmo industrialização e transformação da produção recebida dos cooperados, o que agrega valor, gera maior renda e empregos.”

Outro aspecto considerado foi o apontado pela OIC (2008), está no relevante papel que as cooperativas têm no sistema agroindustrial do café, sendo responsável por uma grande parte do café armazenado, beneficiado e comercializado.

Fundamentou-se também, na construção dos questionamentos da investigação, as diligências realizadas junto às cooperativas de outros Estados, com visitas as instalações da Cooperativa Regional de Cafeicultores de Guaxupé (COOXUPÉ), a maior cooperativa de café do mundo, em Guaxupé, sul de Minas Gerais; a Cooperativa Agropecuária Mourões Ltda. (COAMO), em Campo Mourão, no Paraná, sendo essa a maior cooperativa agroindustrial da América Latina; a Cooperativa Agropecuária de Produção Integrada do Paraná (COOPAR) em Cornélio Procópio e, finalizando essa etapa, com o uso da *internet*, foi possível analisar o perfil de atuação da Cooperativa Agrária dos Cafeicultores de São Gabriel da Palha Ltda. (COOABRIEL), em São Gabriel da Palha, no Espírito Santo.

Os dados foram abordados qualitativamente e quantitativamente, fiéis às questões constantes no questionário de entrevista as cooperativas. As questões que corroboram a resposta ao problema da pesquisa foram tabuladas e analisadas quantitativamente aplicando-se a escala de Likert, a fim de evidenciar as atividades desenvolvidas que contribuem para a sustentabilidade econômica dos empreendimentos.

Inicialmente procedeu-se as análises através das participações proporcionais de cada alternativa no todo da amostra, utilizando-se a escala de Likert com adaptações.

Tendo as respostas analisadas de modo que se determinem quais as proposições que alcançaram valores diferentes para os entrevistados, com soma

total de pontos alta e baixa; os itens respondidos (classificados) de igual forma pelos indivíduos de alta e de baixa contagem são eliminados.

Assim, obtém-se uma graduação quantificada das proposições que são distribuídas entre os indivíduos pesquisados, atribuindo-se a nota de cada um deles.

A escala de Likert utilizada neste estudo foi adaptada com relação aos termos empregados nas respostas do formulário, com a seguinte equivalência aos termos comuns da escala: Sempre (completa aprovação); Geralmente (aprovação); Às vezes (neutralidade); Raramente (desaprovação incompleta) e Nunca (desaprovação)

Para validação dos dados qualitativos foram utilizados critérios preconizados por Chizzotti (1991, p. 90), essenciais a esse processo que são: “confiabilidade, credibilidade, constância e transferibilidade”.

Por ser um processo complexo e não linear, a coleta dos dados numa pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa, implica num trabalho de redução, organização e interpretação desses dados, que se inicia já na fase exploratória e acompanha toda a investigação.

Posteriormente a análise focou os resultados auferidos em cada unidade de caso estudada, identificando a contribuição individual junto a cada grupo de variáveis.

7. RESULTADOS DA PESQUISA

7.1. Análise do Desempenho das Unidades Cooperativistas

As questões que corroboram a resposta ao problema da pesquisa foram tabuladas e analisadas quantitativamente levando-se em conta os pesos de 1 a 5 da escala de Likert, com elevação ascendente ao grau de importância, conforme ao que se apresenta:

$C = nqt.p$

Onde:

C = contribuição

nqt = número total de variáveis

p = peso na escala Likert

As expressões constantes do questionário da pesquisa para as alternativas de respostas foram adaptadas da escala de Likert, com as seguintes equivalências aos termos comuns da escala: Sempre, ou alta contribuição (completa aprovação); Geralmente, ou média alta contribuição (aprovação); Às vezes, ou média contribuição (neutralidade); Raramente, ou média baixa contribuição (desaprovação incompleta) e Nunca, ou nula contribuição (desaprovação).

Assim apresenta-se a seguinte pontuação máxima para o conjunto de todas as variáveis que buscam medir o desempenho das unidades investigadas:

- Alta contribuição = 27 questões x 5 pontos = 135 pontos
- Média alta contribuição = 27 questões x 4 = 108 pontos
- Média contribuição = 27 questões x 3 = 81 pontos
- Média baixa contribuição = 27 questões x 2 = 54 pontos
- Nula contribuição = 27 questões x 1 = 27 pontos

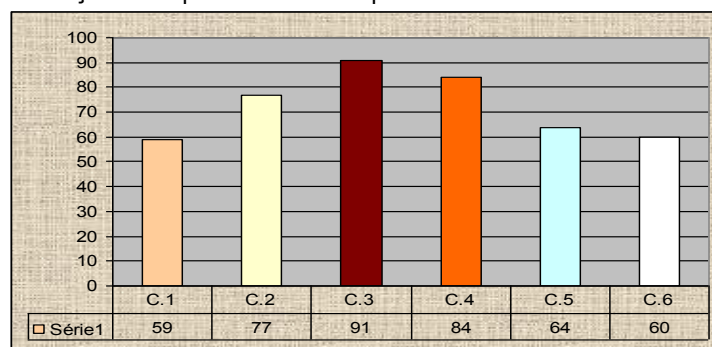


Ilustração 4 Gráfico desempenho geral das cooperativas

A média geral das cooperativas foi de 72,5 pontos, o que equivale a uma contribuição classificada na categoria média contribuição.

7.2. Análise por Grupo de Variáveis

Utilizando-se a mesma metodologia, foi possível definir o nível de contribuição das cooperativas em cada um dos aspectos (grupos de variáveis) da pesquisa. As análises dos resultados para cada grupo de variáveis são apresentadas a seguir:

Grupo I - Serviços Técnicos

A pesquisa revelou que, nesse aspecto, a cooperativa que apresentou maior pontuação foi a unidade C.4 (Ilustração 5), que alcançou 15 pontos, de um limite máximo de 20, equivalendo-se, portanto, a uma contribuição classificada na categoria **média alta**.

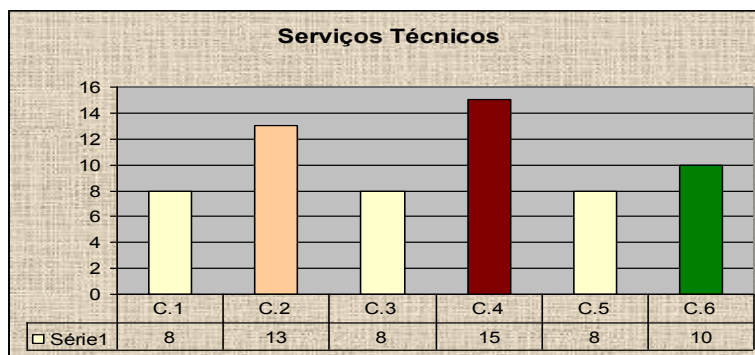


Ilustração 5 Gráfico grupo de serviços técnicos.

A média geral de contribuição das cooperativas foi de 10,33 pontos, o que representa uma contribuição classificada na categoria **média baixa**.

Grupo II - Estrutura e Logística

Nesse aspecto da pesquisa, onde a pontuação máxima a ser alcançada também seria 20 pontos, a cooperativa que apresentou maior pontuação foi a unidade C.3 (Ilustração 6), com 19 pontos, classificando-se na categoria de **alta contribuição**.

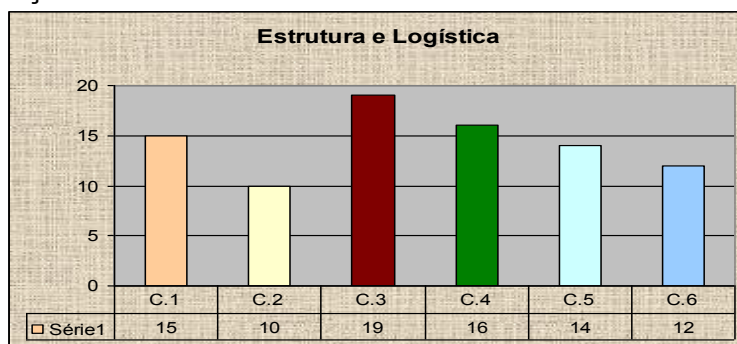


Ilustração 6 Gráfico grupo de estrutura e logística.

A média geral de contribuição das cooperativas nesse aspecto foi de 14,33 pontos, o que representa uma classificação equivalente à **média contribuição**.

Grupo III - Relação Financeira

Nesse aspecto da pesquisa, a cooperativa que apresentou maior pontuação foi também a unidade C.3 (Ilustração 7), alcançando 21 pontos, de um limite máximo de 25, equivalendo a uma classificada como **alta contribuição**.

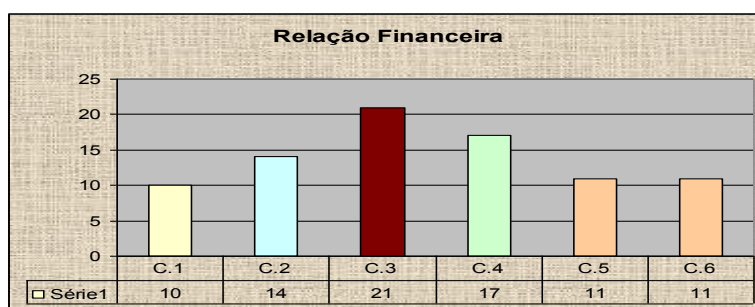


Ilustração 7 Gráfico grupo de relação financeira.

A média geral das cooperativas é de 14 pontos, o que equivale a uma classificação como **média contribuição**.

Grupo IV - Informações de Mercado

Nesse aspecto da pesquisa, onde o escore máximo seria 20 pontos, as cooperativas que apresentaram maior pontuação foram as unidades C.2, C.3 e C.4 (ilustração 8), com 16 pontos cada, equivalendo a uma classificação como **média alta contribuição**.

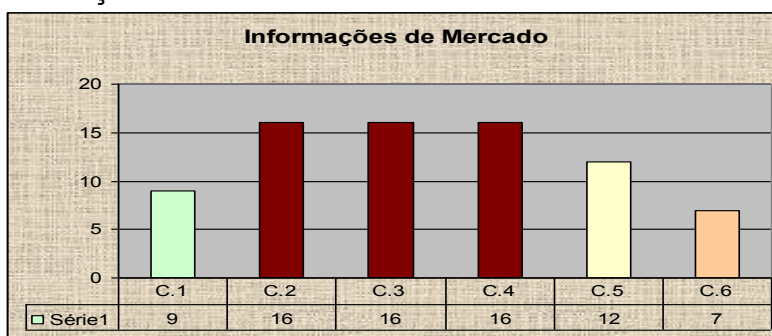


Ilustração 8 Gráfico grupo de informações de mercado.

A média geral das cooperativas é de 12,66 pontos, o que representa uma classificação equivalente à **média contribuição**.

Grupo V - Apoio a Gestão

Nesse aspecto da pesquisa, a cooperativa que apresentou melhor desempenho foi a unidade C.3, com 27 pontos, de um máximo de 45, equivalendo, portanto, a uma classificação de **média contribuição**.

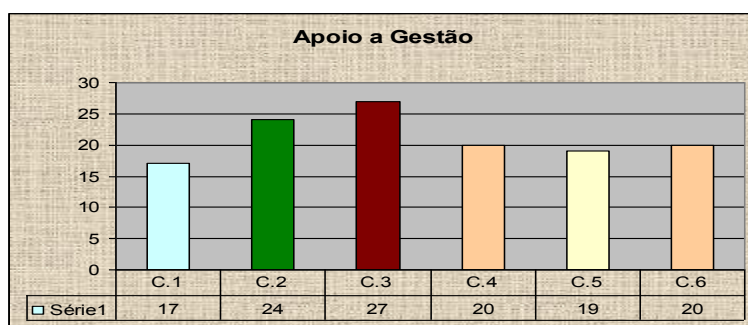


Ilustração 9 Gráfico grupo de apoio a gestão.

Nesse quesito, a média geral das cooperativas foi de 21,16 pontos, o que significa uma classificação de **média baixa contribuição**.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cooperativas de café do estado de Rondônia são fruto da migração do modelo associativista, inviabilizado por não poder comercializar a produção, que migrou para o modelo cooperativista. Constituídas por agricultores migrantes de outras regiões da união, principalmente, Espírito Santo e Paraná, que exploram pequenas propriedades rurais, enquadrados na agricultura familiar, essas organizações têm sido utilizadas pelos cooperados e dirigentes, em sua grande maioria, para comercialização da safra, não havendo a exploração de todo o potencial que esse tipo de organização pode oferecer, tal fato se dá, argumentam os responsáveis, por estarem em processo de adequação ao novo modelo, e também pela limitação dos recursos financeiros necessários para promover maior desenvolvimento e oferta de serviços.

A pesquisa revelou que a maioria dos fatores considerados essenciais a sustentabilidade econômica dos empreendimentos produtivos estão presentes nas atividades de apoio prestadas pelas cooperativas, porém, manifestamente abaixo dos níveis necessários.

Os serviços de apoio técnico, essenciais para a produção de café de qualidade, que vai do uso adequado de insumos a exploração otimizada dos

recursos naturais, não são oferecidos pela maioria das cooperativas, e aquelas que o oferecem não o faz de maneira satisfatória (contribuição média baixa).

O apoio estrutural e logístico, bem como as informações de mercado, são oferecidos dentro de um padrão aceitável (contribuição média). Esse conjunto de fatores contribui para o fortalecimento da relação cooperativista, além de reduzir custos e oferecer melhores oportunidades do mercado através dos canais de informação.

Por outro lado, a relação financeira, essencial para o fortalecimento do pequeno produtor, vez que dificulta a ação do atravessador, não atende as necessidades dos cooperados. Essa limitação se dá tanto pela falta de recursos financeiros das cooperativas, como também pela pequena capacidade do corpo funcional para elaboração de projetos voltados as linhas de crédito e convênios de outros agentes.

No quesito gestão, os serviços oferecidos estão oferecidos aquém do necessário, evidenciando mais uma vez a limitação do corpo funcional e diretivo das cooperativas.

Por fim, a pesquisa permitiu concluir que as cooperativas de cafeicultores de Rondônia desenvolvem suas atividades de apoio à sustentabilidade econômica dos empreendimentos produtivos no nível de média baixa contribuição.

8.1 Contribuições da Pesquisa

Para que a sustentabilidade econômica dos empreendimentos produtivos possa se consolidar sugere-se, a título de contribuição:

- I. Investimentos na capacitação de dirigentes e cooperados para a gestão eficiente cooperativista, congruindo os aspectos sócio-econômicos do segmento;
- II. Assistência técnica no campo através de parcerias com órgãos da administração pública, tais como Embrapa-RO, Emater e Seapes, bem como junto a organizações não governamentais que atuam no campo;
- III. Desenvolvimento de projetos para facilitar acesso ao crédito para financiamento da produção; conversão de produção para exploração de nichos especiais (adequações e certificações) e investimento na melhoria da infraestrutura e logísticas;
- IV. Formação de banco de dados com informações estruturais do setor;
- V. Acompanhamento e ação junto as ações governamentais que influenciam o setor;

- VI. Elaboração de planejamento estratégico, traçando ações para o curto, médio e longo prazo;
- VII. Investimento na agregação de valor da produção, através do beneficiamento, torrefação, moagem e comercialização com o desenvolvimento e exploração de marca própria (já sendo realizado pela C.3).

Esse conjunto de ações contribuirá para o fortalecimento das organizações produtivas, promovendo melhores resultados operacionais, que podem levar a maior fidelização dos cooperados e, conseqüentemente, melhores condições de negociação e gestão, fundamentais para a sustentabilidade dos empreendimentos.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIC. Norma de Sustentabilidade para a Cadeia do Café – Cafés Sustentáveis do Brasil. São Paulo: ABIC, 2008.

_____. Café brasileiro. Disponível em: < <http://www.abic.com.br/noticias.html> >. Acesso em 21 ago. 2007.

BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. Agronegócio cooperativo. In: BATALHA, Mário O. (Org.). BATALHA, Mário Otávio (Coord.). Gestão agroindustrial. São Paulo: Atlas, 2001.

_____. Estratégias e cooperativas agropecuárias: um ensaio analítico. In: BRAGA, Marcelo José; REIS, Brício dos Santos (Org). Agronegócio cooperativo – reestruturação e estratégias. Viçosa: UFV, 2002.

_____. Agronegócio Cooperativo. In: BATALHA, Mário O. (Coord.). Gestão Agroindustrial. 3 ed. Vol. I. São Paulo: Atlas, 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CONAB. Relatório Anual de Acompanhamento da Safra Brasileira de Café: Safra 2007/2008. Disponível em: < http://www.agricultura.gov.br/pls/portal/docs/PAGE/MAPA/SERVICOS/PORTAL_AGRONEGOCIO_CAFE/COPY_OF_PORT_AGRO_CAFE_SAFRA1/4%AA%20PREVIS%C3%20SAFRA%202007-2008_0.PDF >. Acesso em 23 mar. 2008.

_____. Produção cafeeira rondoniense. Disponível em: < <http://www.conab.gov.br/centro.asp?aPAG=50> >. Acesso em 22 mar. 2008.

COSTA, José Nilton M. A pesquisa e o desenvolvimento da cafeicultura na região Amazônica. In: Seminário Perspectivas da cultura do café na Amazônia. 2000, Ji-Paraná. Anais. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2000. 41-49.

EMATER. Preços do café robusta em Rondônia. Disponível em: < <http://www.emater-rondonia.com.br/pap1994.htm> >. Acesso em: 22 jul. 2008.

EMBRAPA. Colheita de Café em Rondônia. Disponível em: <<http://www.cpafrro.embrapa.br/colheitadecaféemrondôniaembrapafazrecomendações.htm>>. Acesso em 13 set. 2008.

_____. Café. Disponível em: <<http://www.cpafrro.embrapa.br/embrapa/Prioridad/cafe.htm>>. Acesso em 10 nov. 2007.

_____. O café da Amazônia. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2006.

_____. Anais do Seminário "Perspectivas da cultura do café na Amazônia". Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2000.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEMERLY, Francisco X. Cadeia produtiva do café no Estado de São Paulo: possibilidades de melhoria de sua competitividade no segmento agrícola. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000212293>>. Acesso em 22 mar 2007.

LIMA NETO, Amor. As cooperativas de trabalho como forma de intermediação de mão-de-obra e causa de subtração de direito dos trabalhadores intermediados. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Centro de Ciências Jurídicas. Curitiba: PUC/PR, 2003.

MAPA - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Informe estatístico do café julho 2008. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/agronegociocafe>>. Acesso em 24 ago. 2008.

_____. Relatório Safra Café 2007/2008. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/agronegociocafe>>. Acesso em 24 mar. 2008.

MATIELLO, J. B. Café conilon: como plantar, tratar, colher, preparar e vender. Rio de Janeiro: MM Produções Gráficas, 1998.

MAUAD, Marcelo José L. Cooperativas de trabalho: sua relação com o direito do trabalho. 2. ed. São Paulo: LTR, 2001.

MENDONÇA, José Xavier C. Tratado de direito comercial brasileiro. Campinas: Bookseller, 2001.

OCB. O Cooperativismo Brasileiro: "Uma História". Brasília: Br Comunicação e Marketing, 2004.

_____. Cooperativismo. Disponível em: <http://www.portaldocooperativismo.org.br/sescoop/cooperativismo/estrutura_cooperativismo.asp#historia>. Acesso em: 22 dez. 2007.

_____. Panorama do cooperativismo no Brasil: censo, exportações e faturamento. INFOTEC: Informativo Técnico do Sistema OCB. nº. 13. Disponível em: <<http://www.brasilcooperativo.coop.br>>. Acesso em: 20 fev. 2008

OIC. Relatório sobre o mercado cafeeiro: fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/pls/portal/docs/PAGE/MAPA/SERVICOS/PORTAL_AGRONEGOCIO_CA>

FE/PORT_AGRO_CAFE_OIC/RELAT%D3RIO%20DO%20MERCADO%20CAFEIRO%20-%20FEVEREIRO%202008_0.PDF. Acesso em: 14 março 2008.

OLIVEIRA, Dijalma de Pinho R. M. Manual de gestão das cooperativas: uma abordagem prática. São Paulo: Atlas, 2007.

RICHARDSON, Roberto J. Pesquisa Social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SAES, Maria Sylvania M. A racionalidade econômica da regulamentação no mercado brasileiro de café. São Paulo, Annablume, 1997.

SEAPES. Série histórica da produção agrícola de Rondônia por município: produção obtida e área colhida. Disponível em: <http://www.seapes.ro.gov.br/Boletins/bol_06_07/S%20E9rie%20Hist.%20Prod.%20Agr%20EDcola%20de%20Rondonia%20ate%202007.htm>. Acesso em: 17 nov. 2007.

_____. Boletim Informativo Agropecuários: Junho de 2007. Porto Velho: SEAPES, 2007.

_____.Tecnificação do Café. Disponível em: <<http://www.seapes.ro.gov.br/projetos/Programa%20de%20Apoio%20ao%20Desenvolvimento%20Agropecuário/cafeicultura.htm>>. Acesso em 22 mar 2008.

_____. Boletim Agropecuário: março 2008. Disponível em: <http://www.seapes.ro.gov.br/Boletins/bol_03_08/Capa.htm>. Acesso em: 02 abr. 2008.

SIENA, Osmar. Metodologia da Pesquisa Científica: elementos para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos. Porto Velho: [s.n.], 2007.

VENEZIANO, Wilson. Rondônia: robusta é espécie mais cultivada. Disponível em: <www.coffeefreak.com.br/ocafezal.asp>. Acesso em: 22 out 2007.

XIMENES, Gilson. Cafeicultura sofre com ações especulativas. Disponível em: <<http://www.cafepoint.com.br/?noticialD=43787&actA=7&arealD=31&secaolD=63>>. Acesso em: 27 mar 2008.

YIN, R. K. Estudo de caso: Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZYLBERSZTAJN, Dércio; FARINA, E.M.M.Q., SANTOS, R.C. O sistema agroindustrial do café. Porto Alegre: Ortiz, 1993.

ZYLBERSZTAJN, Dércio; NEVES, Marcos F. (org.). Economia & Gestão dos negócios agroalimentares. São Paulo: Pioneira, 2000.